



\$em ver

12 junho a 10 julho 2021

1. *G7/G20, 2019-2021*
Técnica mista sobre papel
Dimensões variáveis
2. *Ecrãs, 2021*
Marcador, pastel de óleo
e tinta spray sobre pvc
Dimensões variáveis

FICHA TÉCNICA

Direção *Manuela Matos Monteiro e João Lafuente*

Direção Artística *José Maia*

Curadoria *José Maia e João Terras*

Texto *João Terras*

Assistente de Galeria *Patrícia Barbosa*

Design de capa *José Filipe Alexandre*

ESPAÇO MIRA

Rua de Miraflor, 159, 4300-334, Campanhã, Porto

929 113 432 | espacomira@miragalerias.net

fb: [@espacomirafotografia](#)

instagram: [@espacomira](#)

youtube: [shorturl.at/kmEKM](#)

Quarta a sábado, das 15:00 às 19:00



\$em ver

Celeste Cerqueira

Patente até 10 Julho

\$em ver

de Celeste Cerqueira

*Uma das astúcias das cidades reside em fazer-nos crer que elas são eternas. Querem que pensemos que elas são o fim das civilizações naturais, que as explicam. O que existe de verdadeiramente rompedor nesta frase de J.M.G. Le Clézio em o *Índio Branco*, é o desvínculo absoluto na descrença de um saber humano. Verdadeiramente rompedor por colocar o Homem como pronome da cidade.*

Basta de fechaduras!

Muito provavelmente, mesmo que no centro da Amazónia, Clezio também escreveu este texto numa cidade e no carro se orientou para o café. O peso da arte, a linguagem a comer-se a ela própria. O que verdadeiramente nos rompe neste seu pensamento é a tentativa, mesmo que forçada, de se desvincular de um humano absoluto, detentor, sabedor, alto, de um humano-pássaro, não por voar mas pelo olhar picado. Homem-Satélite.

Foram as palavras de Clezio as primeiras que surgiram, poderiam ter sido outras, poderiam não ter sido nenhuma, afinal, diante desta nova presença de **Celeste Cerqueira** no Espaço MIRA (depois de 2015 e 2016), estamos num declive profundo da linguagem enquanto elemento de prova. Estes desenhos, pinturas, formas e corpos, antes de serem a imagem de onde partem são de uma absoluta libertação. Talvez seja esse o anúncio que encontramos no fazer artístico de Celeste Cerqueira, não pela absoluta certeza da sua direcção mas porque é mais necessária a libertação do fazer do que o suporte ou a forma que possamos gerar, é mais urgente e necessário esse lugar desvinculado para podermos olhar o mundo, perceber como habitá-lo, como o somos habitando-o. E a criação e suas matérias surgem nessa fenda. Nesta nova exposição a instalação *viraliza-se* pelo espaço da

galeria sustentando-se em dois polos, ambos opostos ao peso da arquitetura do lugar, chão e ar.

Ao mesmo tempo que são cor, são a sua ausência, são papel e transparência, forma e plano. Os objetos suspensos, tal como o corpo e o território, deformam a imagem de desenhos a grafite de arquiteturas de poder, europeias, profetizando a profunda insustentabilidade dos seus alicerces. Arquitetura passa a ser corpo, passa a ser da mão, passa a mover-se.

No chão, os movimentos de ondas, a imagem do real interestelar, além da escala do humano, imagem de supervisão, são as primeiras palavras que surgem. A cor destes desenhos, algures entre a escala do digital e a forma aquosa da tinta, recuperam-nos o mesmo sentimento quando os primeiros satélites foram além da nossa altura: alcançar um conhecimento do desconhecido repintado esse outro lugar a uma nova escala já não humana.

E nessa escala de forças, os desenhos de Celeste Cerqueira são, ainda, as nuvens, castelos suspensos, as cores, o chão e o rio. Que tempo este de ainda valer a apofenia.

Tudo recusa o outro. Não há tempo para o homem. O Desenho do mundo é sempre medonho. E porque o real é absoluto, no após destas imagens, aprove-me dizer que tudo o que é *daninho ou daninha*, o que se deixa de ver, o que nos *desnivela*, nos rompe, o que é matéria do sopro e do ar, de falas do escuro, tudo aquilo que não conseguimos pesar, que cobrimos com o sagrado, acabará por amedrontar o controlo e o poder. Se tivermos tempo livre um dia as casas serão dança, a economia o cantar, o cimento a pedra, as cidades o mar.

**Todas as citações são da obra *Índio Branco* (1989) de J.M.G. Le Clézio publicada em Portugal com tradução de Júlio Henriques pela Fenda edições.*